

CRIATIVIDADE E ESCOLAS CRIATIVAS: DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

CREATIVITY AND CREATIVE SCHOOLS: DIALOGUE WITH PAULO FREIRE

Rejane Gomes Tavares 1
Marilza Vanessa Rosa Suanno 2
Carlos Cardoso Silva 3

Mestranda em Educação (PPGE/FE/UFG), tendo como orientadora a 1
Profa. Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno. Bolsista CAPES Edital PPGE/FE/UFG nº
02/2020. Especialista em Alfabetização, Letramento e Ludicidade pelo Instituto
Educativo Wallon (2017). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal
de Goiás (2012). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e
Questões Contemporâneas – DIDAKTIKÉ (FE/UFG). Lattes: [http://lattes.cnpq.
br/4497301536760391](http://lattes.cnpq.br/4497301536760391). ORCID: 0000-0002-7226-8749
E-mail: rejane88tavares@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília UCB 2
(2015). Doutorado sanduíche realizado na Universidade de Barcelona UB
(2011/2012). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de
Goiás PUC Goiás (2006). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal
de Goiás UFG (1994). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGE/FE/UFG. Líder do DIDAKTIKÉ Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática
e Questões Contemporâneas DGP/CNPq. Membro do Núcleo de Formação de
Professores FE/UFG. Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas. ORCID
<http://orcid.org/0000-0001-5892-1484>. E-mail: marilzasuanno@uol.com.br

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2009). 3
Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (2001).
Especialista em Gestão da Escola Pública pela Universidade Federal de Goiás
(1995). Especialista em Administração Escolar pelas Faculdades Integradas
de São Gonçalo (1991). Graduado em Psicologia Pela Pontifícia Universidade
Católica de Goiás (2015). Graduado em Pedagogia pela Universidade Católica
de Goiás (1990). Líder do DIDAKTIKÉ - Grupo de Estudos e Pesquisas em
Didática e Questões Contemporâneas FE/UFG. Lattes: [http://lattes.cnpq.
br/6544068576312225](http://lattes.cnpq.br/6544068576312225). ORCID: 0000-0003-4594-3486.
E-mail: carlos.cardoso27@gmail.com

Resumo: O presente texto discute a ideia de criatividade e escolas criativas em diálogo com Paulo Freire (1921 – 1997). O objetivo foi estabelecer um diálogo que envolvesse a temática da criatividade e escolas criativas com conceitos e reflexões a partir da perspectiva freiriana. É uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. Utilizou-se como aportes teóricos obras de Freire (2001, 2006, 2015, 2017, 2018, 2019), Freire e Shor (1986), Freire e Nogueira (2014); e Torre (2012), nas quais foram identificados indicadores constituintes da criatividade e dos princípios vinculados ao conceito de escolas criativas (TORRE, 2012). Constatou-se que o ato de aprender é uma atividade criadora e que a criatividade demanda liberdade, autonomia e oportunidade para que se desenvolva. De maneira que, as escolas devem ser espaços de criatividade que possibilitem nos processos de ensino e de aprendizagem a conscientização crítica por meio do diálogo e de práticas participativas, democráticas e de expressão da liberdade. Ambiente de aprendizagem que reconhece as diversas contradições presentes na sociedade, na educação e na escola.

Palavras-chave: Criatividade. Paulo Freire. Escolas como espaço de criatividade.

Abstract: This text discusses the idea of creativity and creative schools in dialogue with Paulo Freire (1921-1997). The objective was to establish a dialogue involving the theme of creativity and creative schools with concepts and reflections from the Freirian perspective. It is a bibliographic research, with a qualitative approach. Theoretical works of Freire (2001, 2006, 2015, 2017, 2018, 2019), Freire and Shor (1986), Freire and Nogueira (2014) were used; and Torre (2012), in which indicators were found that are constituent of creativity and principles linked to concept of creative schools (TORRE, 2012). It appears that the act of learning is a creative activity and that creativity demands freedom, autonomy and opportunity for it to develop. Thus, schools must be spaces of creativity that allow critical awareness in the processes of teaching and learning through dialogue and participatory, democratic and freedom-expressing practices. Learning environment that recognizes the diverse contradictions present in society, in education and at school.
Keywords: Creativity. Paulo Freire. Schools space for creativity.

Introdução

Paulo Freire (1921 – 1997) foi um intelectual brasileiro que muito colaborou com a educação por meio de seus escritos, possuindo notável reconhecimento pela defesa da educação numa perspectiva social e política, sendo esse um ano (2021) comemorativo dado o seu centenário. Oportunidade ímpar para reafirmar sua contribuição para a formação humana e para a educação escolar, assim como momento de luta e defesa pelos princípios de uma educação emancipadora.

Dentre seus vários escritos destacam-se estudos sobre a conscientização, educação popular, conceitos como utopia, quefazer, educação como prática da liberdade, pedagogia da esperança, pedagogia da autonomia, refletiu sobre os medos e ousadias que poderiam ser vivenciados pelos/as professores/as, assim como questionou práticas pedagógicas opressoras, dentre tantos outros. Foi um autor que chamou a atenção do meio intelectual e dos não intelectuais, pois apresentou questões ligadas à cidadania e à emancipação humana, nem sempre lido e compreendido de forma contextualizada.

Para Kohan (2020) há quatro maneiras possíveis de leitura de Paulo Freire: uma delas é não ler de fato a obra desse autor e tecer comentários a ela, sendo, assim, uma forma de leitura que ignora, que é ignorante; uma segunda é ler as proposições de Paulo Freire para reproduzi-las, o que o próprio autor não queria que fizessem com suas ideias, uma vez que estavam de acordo com o contexto histórico da época; a terceira é uma leitura crítica, que consiste em ler para questionar seu pensamento; a quarta se trata de uma leitura de composição, de intersecção, de ler as obras do autor e refletir acerca do que seus escritos inspiram. Esta última possibilita dialogar com temas que Paulo Freire não aprofundou e até outros que não discutiu e também favorece interlocuções com autores com os quais não dialogou em profundidade.

Considerando a quarta possibilidade de leitura acredita-se que é possível encontrar nos escritos de Paulo Freire um conteúdo e uma metodologia rigorosa de pensar de forma metódica sem perder o processo criativo e a importância da escola para os processos de ensino de aprendizagem. De tal forma, que permite pensar em criatividade como resultado da produção humana, articulando o processo criativo à prática pedagógica das escolas criativas, ou seja, instituições educativas que constroem coletivamente, por meio do diálogo, da partilha, da vinculação com as pessoas do contexto escolar seu projeto político-pedagógico, seus projetos de trabalho, suas práticas de ensino e agir pedagógico com ideias pioneiras, transgressoras e criativas. Assim, por meio de pesquisa bibliográfica e da análise qualitativa, este texto busca relacionar a criatividade e aspectos das escolas criativas (SUANNO, TORRE, SUANNO, 2014) com ideias que foram abordadas por Paulo Freire em alguns de seus escritos.

São várias as compreensões acerca do conceito de criatividade, e nesse escrito, o entendemos como uma potencialidade passível de desenvolvimento, como algo que se aprende. Para isso, há a necessidade de distintos processos, ambientes, condições, problematizações, mediações, diálogos e estudos que estimulem e favoreçam o desenvolvimento da criatividade, o que inclui o contexto escolar. Dessa forma, as escolas necessitam ser constituídas de aspectos que favoreçam um ambiente criativo.

Nosso objetivo é uma tentativa de um diálogo sobre criatividade com Paulo Freire, relacionando com os ideais das escolas criativas e, por último, uma reflexão sobre importantes indicadores que caracterizam uma escola criativa com base em aspectos propostos nas obras de Paulo Freire.

Metodologia

Esta pesquisa de caráter bibliográfico e de abordagem qualitativa consistiu em leituras das seguintes obras de Paulo Freire e obras em parceria com outros pesquisadores, as quais destacam-se: 1) Pedagogia do oprimido; 2) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa; 3) Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire; 4) Educação como prática da liberdade; 5) Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido; 6) A educação na cidade; 7) Medo e ousadia: o cotidiano do professor; 8) Que fazer: teoria e prática em educação popular.

As leituras foram realizadas no intuito de identificar aspectos que dialogassem implicitamente com a criatividade e as escolas criativas, bem como na identificação de expressões explícitas como criatividade, criativo/s, criativa/s, criativamente, criar, criação. Além disso, buscou-se detectar elementos que relacionassem com dez indicadores considerados constituintes de uma escola criativa (TORRE, 2012), a saber: 1) liderança¹ estimulante e criativa; 2) professores criativos; 3) cultura inovadora²; 4) criatividade como valor reconhecido; 5) espírito empreendedor³ e de iniciativa; 6) visão transdisciplinar e transformadora; 7) currículo polivalente; 8) metodologia e estratégias inovadoras; 9) avaliação formadora e transformadora; 10) valores humanos e socioambientais.

Posteriormente, foram realizadas buscas por palavras nos livros citados que se encontram disponíveis em PDF, por meio do programa *Abode Acrobat Reader DC*. Usou-se como indicador booleano a inicial *cria*, que facilitaria a identificação de palavras como criatividade, criativo, criativa, criativamente, criação, criar e criador.

Criatividade em Paulo Freire

Os pesquisadores e pesquisadoras que dialogam com o legado de Paulo Freire tem afirmado que os conceitos, as proposições, as reflexões que foram promovidas por esse autor nos fazem visualizar sua obra viva e presente na atualidade. Além de que, os conceitos constituintes desta nos possibilitam a pensar em distintas relações e contextos educativos.

Nas obras de Paulo Freire não identificamos diretamente uma definição de criatividade, pôde-se identificar menções em suas obras o que nos conduz a pensá-la.

Em Freire e Shor (1986) encontramos que a criatividade é necessária para que qualquer pessoa aprenda. Ainda sobre o aprender expressou que se tratava de “uma aventura criadora” (FREIRE, 2015, p. 68) pertencente aos seres humanos, uma vez que estes são constituídos de aspectos históricos e sociais que detêm as possibilidades de reconstrução e de mudança, o que difere de repetição. Nessa perspectiva, o aprender está sujeito a riscos, caracterizando-se em uma aventura a partir de uma “imaginação criadora” (FREIRE, 2006, p. 22).

No entanto, ele compreendia que para que a criatividade pudesse se manifestar se fazia necessário a existência de liberdade. Ao pensar que a criatividade exige liberdade, ou melhor, a criatividade se faz na liberdade (FREIRE; SHOR, 1986) defende que o ser criativo está unido a liberdade de pensar, agir, criticar, reflexionar, tomar decisões e fazer escolhas. Isso implica em expressão de ideias que ultrapassem o fato de simplesmente expô-las, mas expressá-las a partir de uma rigorosidade pautada em uma interpretação crítica dos fatos, independentes de que natureza sejam. Essa discussão remete-se a implicações políticas, porque “[...] a criatividade na pedagogia está relacionada com a criatividade na política. Uma pedagogia autoritária, ou um regime político autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender” (*ibidem*, p. 31). Depreendemos assim, que o autoritarismo inibe as ações pensantes da pessoa e não favorece a liberdade que possibilita a fruição da criatividade.

O ser humano está no mundo de forma participativa, tendo oportunidades tanto de criar quanto de recriar. A cultura é exemplo dessa criação ou recriação, afinal a cultura, independentemente do tipo de manifestação, é resultante de “criação humana” (FREIRE, 2018, p. 143). Enfim, o sujeito encontrando-se alfabetizado ou não, participa do mundo e fazendo com que ele aconteça criando-o por meio da cultura. Nessa perspectiva, Beisiegel (2010) ao reflexionar sobre a expressão ‘criação humana’ apresentada por Paulo Freire afirma que o ser humano possui um “ímpeto de criação e recriação” (*ibidem*, p. 47). Assim, infere-se que essas

1 Neste artigo utiliza-se com cautela e preocupação a palavra ‘liderança’ (conforme tem alertado a Dra. Marilza Suanno desde 2012 quando da publicação por Torre o VADECRIE/RIEC) e na dissertação em construção pela primeira autora do presente artigo explora-se tal questão e sugere-se que renomeie o indicador para “pessoas estimulantes e criativas que impulsionam o coletivo escolar em práticas pedagógicas democráticas, participativas e inovadoras”.

2 Inovação (SUANNO, 2015) compreendida como mudança na finalidade da educação.

3 Neste artigo utiliza-se com cautela e preocupação a palavra ‘empreendedor’ (conforme tem alertado a Dra. Marilza Suanno desde 2012 quando da publicação do VADECRIE/RIEC) e na dissertação em construção pela primeira autora do presente artigo explora-se tal questão e sugere-se que renomeie o indicador para “pessoa com espírito inquieto articulada a capacidade criativa-propositiva sendo gerador de iniciativas novas”.

peças interferem explicitamente na realidade vivenciada por meio do que Freire denominou de “atitude de criação e recriação” (FREIRE, 2018, p. 145).

A relação estabelecida pelo ser humano com o mundo provoca reações denominadas por conhecimento que é comunicado ao outro por meio da linguagem. Desse modo, o que o referido autor denominou de “ato de criação e recriação” (*ibidem*, p. 137) se finda em conhecimento, tendo o envolvimento ativo e participativo dos indivíduos no processo de aprendizagem participando, assim, criativamente no processo de construção do conhecimento (FREIRE; NOGUEIRA, 2014)

A alfabetização pode ser entendida como um ato criador, pois exige do educando uma atitude de criação e recriação, uma vez que se trata de um processo que se dá de dentro para fora do alfabetizando, lembrando que para Paulo Freire a alfabetização acontecia por meio da conscientização, o que ultrapassa uma junção gráfica e fonêmica. A partir disso, entende-se que a alfabetização não acontece por meio de doação de técnicas de leitura e escrita. É preciso compreender o que se lê e se escreve, para isso o/a estudante tem que ser ativo e participativo nesse processo de aprendizagem, sendo essenciais atitudes de criar e recriar. Nesse sentido, Paulo Freire defendeu uma alfabetização que em si seja ato de criação capaz de provocar outros atos de criação, uma vez que ao mesmo tempo em que se alfabetiza busca transformar a ingenuidade em criticidade (FREIRE, 2018).

Compreendemos que a criatividade, para Paulo Freire, exige uma condição de preexistência. Segundo ele não há criatividade sem a curiosidade, pois é a curiosidade que inquieta o ser humano, que produz uma alerta, que o torna impaciente e o move mediante a realidade social e histórica. Trata-se de uma “curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (FREIRE, 2015, p. 33).

Quando o indivíduo é submetido a padronizações e repetições perde-se a força da liberdade de mover-se e de arriscar-se passando a enxergar os fatos com conformismo, acomodação ficando-se, assim, frágil e necessitando de reorientação (*ibidem*). Isso só reforça a impotência e nessa situação é preciso que os indivíduos resistam a qualquer acontecimento que os minimiza e inferioriza.

A padronização, a mecanização e a alienação, impregnadas por formalismos, inibem a criatividade, pois desencorajam o indivíduo de correr riscos e de aventurar-se pela reflexão, expressão e elaboração de algo novo. A alienação é uma característica presente na invasão cultural e nesse cenário, de forma violenta, os invasores invadem a cultura dos invadidos e lhes impõem a sua cultura, a sua concepção de mundo. Dessa maneira, a cultura dos invadidos perde a sua originalidade e por meio dessa imposição tem a sua criatividade freada (FREIRE, 2017).

Em contrapartida, uma educação emancipadora capaz de desenvolver a criatividade humana precisaria se alimentar com um certo estado de rebeldia. Um ser criativo tem em si um pouco de rebeldia que, por meio de uma prática educativa humanizante, faz reviver a utopia e o sonho. Para Paulo Freire a utopia se distancia do irrealizável, trata-se do ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar o que humaniza, para isso faz-se necessário um ato de conhecimento (FREIRE, 2001; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017). Portanto, o ato de fazer acontecer a utopia depende de conhecimento e esse processo de conhecer deve ser criativo, pois é necessário que se tenha uma “visão ativa e criativa do conhecimento” (FREIRE; NOGUEIRA, 2014, p. 87).

Escola como espaço de criatividade

As escolas devem ser, de fato, um “espaço de criatividade” (FREIRE, 2006, p. 24) ou serem transformadas em “centros de criatividade” (*ibidem*, p. 33).

Para Paulo Freire uma escola que não se constitui em um espaço de criatividade ou centro de criatividade expulsa seus alunos e alunas. Muitos falam em evasão, no entanto, a prática de educação bancária, na verdade, expulsa os/as discentes e um dos fatores é a falta de espaço para atos criativos em que os/as educandos/as possam criar ou recriar ao explorar, compreender e recriar a vida.

O alto índice de evasão escolar que, segundo Freire, é uma expulsão que ocorre também devido a entraves que são oriundos da organização da sociedade e que, para reverter essa situação, faz-se necessário uma prática educativa que provoque a curiosidade e a pergunta que supere a apreensão de um conceito em si. Ademais, para o desenvolvimento da criatividade e permanência dos/as alunos/as na escola deve-se abordar os problemas sociais através dos conteúdos, de forma que desafie e instiga a um espírito de transformação.

Além do exposto, na educação bancária, o/a professor/a deposita o conhecimento e o/a educando/a o recebe de forma passiva, o que, para Freire, inibe o “poder criador” (FREIRE, 2017, p. 83) fazendo desse/a estudante uma peça, o que dificulta o pensar autêntico. Por conseguinte, uma educação bancária não estimula a criação, não provoca transformação, invenção e recriação formando indivíduos medíocres.

A escola por meio de uma “força criadora” (FREIRE, 2015) deve buscar superar os condicionantes repetitivos e se tornar um ambiente humano e problematizador. Uma escola como centro de criatividade assume postura “[...] dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivadora, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professores/as e alunos/as se assumam epistemologicamente curiosos” (*ibidem*, p. 83).

A escola para Paulo Freire é um espaço político e de conflitos marcado pela diversidade. Se configura como um ambiente de encontro de diferentes culturas e, conseqüentemente, de manifestações de conflitos de caráter social. Isso não deve ser ignorado, pelo contrário, deve estar relacionado aos conteúdos de modo que pratique uma leitura crítica da realidade social, econômica, política, dentre outras (FREIRE, 2006).

Nesse sentido, entende-se a escola como um espaço que respeita o “saber de experiência feito” (*ibidem*, p. 30) e a partir destes, não o desprezando, se busque o saber de natureza científica de forma que os estudantes sejam inquietados e desafiados a perceber o mundo como é, bem como, as possíveis formas de transformá-lo e reinventá-lo. Afinal, a educação escolar possui importante papel no processo de transformação da realidade social.

A escola vista como viável por Paulo Freire é uma escola que alia ao conteúdo uma “leitura crítica e desocultante da realidade” (*ibidem*, p. 53). Nesse formato, na escola há coerência entre discurso e prática e são estimuladas as relações entre professores/as e alunos/as de maneira democráticas e criadoras, sendo as perguntas vistas como estimuladoras e não como incômodas aos docentes e aos processos de ensino e de aprendizagem.

A escola também pode ser considerada um centro de criatividade ao favorecer a elaboração e execução de projetos pautados em uma educação popular. Para Paulo Freire, a escola, sendo um espaço de criatividade, deve ser pública e não elitista, deve acolher a todos os/as estudantes independentemente da classe social e lhes oferecer uma formação que “respeite a forma de estar sendo de seus alunos e alunas, seus padrões culturais de classe, seus valores, sua sabedoria, sua linguagem” (*ibidem*, p. 42). Assim, um espaço em que o/a educando/a tenha condições de aprender, criar, arriscar, perguntar de forma séria, justa, alegre e curiosa.

A escola criativa busca superar a domesticação e a alienação; quer formar um indivíduo-sujeito e não um indivíduo-objeto, quer possibilitar uma educação em que as pessoas se autorreflexionem e reflexionem (FREIRE, 2018).

Uma escola como espaço criativo tem o diálogo como cerne da prática educativa. Assim, deve-se considerar a linguagem usada nesse espaço. A linguagem é constituinte da reflexão e faz parte do ato de conceituar, dessa forma ela não pode ser um impeditivo entre a interação dos sujeitos da escola. Por meio dela percebe-se a capacidade de ler as palavras, bem como de interpretar questões que constituem o mundo. Através da linguagem se expressa as problemáticas criadas. Além disso, na linguagem percebe-se poder e ideologia característicos do mundo social, se firmando como essencial no processo de libertação (FREIRE, 2006).

Para que a escola seja um espaço de criatividade deve-se nesse local praticar a democracia, constituindo-se em espaços de participações livres em que a espontaneidade possibilita uma pedagogia da pergunta; ensinar e aprender de forma séria e rigorosa e, ao mesmo tempo, que essa seriedade e rigorosidade não se tornem em algo sisudo, mas que seja caracterizado por um espaço afetivo; além de conteúdos, ensinar também a ‘pensar certo’, ou seja, pensar de forma que se faça uma leitura crítica da realidade e que busque superar as imposições;

constitui-se como um espaço de luta por uma tomada de consciência que compreenda o mundo, permita perceber as contradições sociais e políticas, mas também, promover resistência à dominação e à invasão cultural; ter espaço para discussões políticas, marcado por questionamentos críticos quanto à organização da sociedade em classes; oportunizar a todos o aprender com entusiasmo e, principalmente, alegria; reinar o bem-estar a todos e ainda com mais ênfase para os/as estudantes. Ademais, para que haja criatividade necessita-se de uma educação libertadora que estimule a criticidade, que problematize a desumanização, que não enxergue o indivíduo como um ser isolado do mundo.

Enfim, a escola deve ser um espaço que propicie a aventura do criar e que também promova processos de ensino e de aprendizagem por meio do qual o aprender se dê de forma alegre e amorosa na qual os envolvidos se disponham de liberdade para exercitarem a imaginação criadora.

Centros de criatividade: categorias a luz de Paulo Freire

Para identificar, reconhecer e formar escolas criativas Torre (2012) propôs a RIEC (Rede Internacional de Escolas Criativas) o instrumento VADECRIE (Valoração do Desenvolvimento Criativo das Instituições Educativas) com categorias e indicadores.

Na sequência tomamos por base as categorias e os indicadores do VADECRIE (TORRE, 2012) para refletirmos a partir do olhar freiriano.

Liderança estimulante e criativa

Para que a escola seja um centro de criatividade há que contar com uma liderança estimulante, conforme Torre (2012), ou seja, contar com pessoas estimulantes e criativas que impulsionem o coletivo escolar em reflexões e práticas pedagógicas democráticas, participativas e inovadoras, conforme explicações de Marilza Suanno. Em Paulo Freire, tal debate emerge em torno do conceito de gestão democrática que se organiza por meio do diálogo.

A partir disso, compreendemos que a gestão democrática tem em seu cerne a participação ou colaboração. Trata-se de uma prática participativa que se afasta de práticas antidemocráticas, autoritárias e elitistas, pois Paulo Freire defendeu uma participação que envolvesse a classe popular nas tomadas de decisões, caracterizando, assim, em uma participação política (FREIRE, 2006).

Almeja-se que a gestão escolar e seus gestores atuem na defesa da educação de viés democrático favorecendo a construção coletiva e participativa de ambiente criativo, reflexivo e amoroso eminentemente pautada no diálogo, que tem a palavra como uma forma de pronunciar o mundo, pois quem dialoga reflete criticamente a sua situação no mundo visualizando os seres humanos como históricos, produtores de história (FREIRE, 2017) e dessa forma que, o/a gestor/a deve enxergar a todos/as, o que inclui professores/as e alunos/as.

Liderança marcada como força de um coletivo (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017) e não como uma característica atribuída a uma única pessoa. A partir disso, Paulo Freire defendeu uma reforma de currículos que ocorresse de forma democrática, em que cada instituição fosse responsável por repensar o seu currículo, uma vez que são os profissionais locais que conhecem a realidade do entorno a qual os/as estudantes estão inseridos e sabem como descobrir o que esses/as discentes esperam da escola (*ibidem*).

Outra característica presente em uma gestão democrática é o estímulo a formação permanente de todos os setores da escola a partir de discussões que foquem em reflexões teóricas que partam da realidade da instituição, sendo esta última responsável por direcionar a capacitação, tendo assim relação entre teoria e prática. Assim, é uma formação que não se centra no formador, mas depende de relatos, interesses, reflexões, problemas e/ou dificuldades dos/as educadores/as sendo organizada a partir e no interior da própria escola.

Ao assumir uma gestão democrática subentende-se que o grupo de pessoas que estão a ela interligada trazem em si ou optaram por buscar a humildade e a perseverança na construção coletiva de processos democráticos e participativos. Humildade porque exige: saber ouvir; acreditar no outro; aceitar a opinião do outro; não concordar com o outro, mas respeitá-lo

tanto nas decisões a serem tomadas no dia a dia quanto nas formações permanentes. Perseverança porque não é fácil, é preciso não desistir nos primeiros empecilhos, afinal mudanças são difíceis, mas são possíveis (FREIRE, 2015).

Portanto, em Paulo Freire, uma liderança estimulante, ou melhor, gestores escolares democráticos presume profissionais que: estejam atentos as necessidades e anseios populares; respeitem a liberdade de opção de todos/as; visualizem na escola um espaço de luta e conflitos; primam por um ambiente de convivência com os diferentes por meio da tolerância; valorrem, além do saber científico, o saber de experiência feito; acreditem na capacidade do outro; combatam as práticas autoritárias; reconheçam a importância de uma formação permanente pautada no pensar e analisar a prática, tendo a teoria como um auxiliador importantíssimo nesse processo, reconhecendo uma unidade entre a teoria e a prática; não tratem com temor a incerteza, a dúvida e o sonho; não adotem modelos rígidos e verticais; todos/as tenham voz para indagar, sugerir e outros; os/as professores/as, demais funcionários/as e alunos/as não sejam tratados como submissos/as; convidem os familiares a estarem na escola. Portanto, uma liderança que estimule a participação democrática, sendo o poder descentralizado.

Professores/as criativo/as

Nas obras de Paulo Freire encontramos diversas reflexões sobre educação e atuação docente criativa (FREIRE; NOGUEIRA, 2014).

Para Freire (2019, p. 262) a docência demanda “pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade”, atitudes questionadoras estimulando uma postura participativa e dialógica diante da realidade e do conhecimento oportunizando o desenvolvimento da curiosidade epistemológica (FREIRE, 2015).

Inspirados em Paulo Freire podemos destacar que o docente criativo caracteriza-se por ter uma postura que: respeite os saberes sociais dos/as educandos/as adquiridos em experiências anteriores e/ou exteriores a escola; tenha uma consciência crítica e curiosa perante os conteúdos; trate o ensino de conteúdos relacionando-os a formação humana; seja aberto/a ao risco e a novidade; seja averso/a à discriminação; reflexione sobre a sua própria prática; compreenda que as ideias nunca estão completas e que precisam ser complementadas; seja autônomo e respeite a autonomia do/a discente; seja humilde e tolerante; lute a favor dos direitos dos/as estudantes; interprete a realidade criticamente; ensine com alegria, esperança e convicção de possíveis mudanças; seja disponível ao diálogo (*ibidem*).

Ainda para Freire e Shor (1986, p. 117), um/a docente com “capacidade de ser criativo” é um/a educador/a dialógico, democrático e que tem como sonho político a libertação. Além disso, um/a professor/a libertador/a organiza as aulas em distintos formatos, o que possibilita processo de ensino e de aprendizagem de forma libertadora.

Para Paulo Freire, ensinar não corresponde a transferência de conhecimento (FREIRE, 2015). Ensinar exige muito mais, exige a criação de possibilidades por meio do diálogo, exposição de curiosidades e indagações que suscitam sujeitos mais e mais criadores.

Afinal, um/a professor/a criativo/a está sempre na posição de aprendiz e instiga o/a aluno/a também a uma atitude de criação e (re)criação do conhecimento. Além disso, um/a professor/a criativo/a aprende criativamente durante momentos do processo criativo no decorrer de determinada aula diante dos/as estudantes e com os/as estudantes, tornando, assim, o ensino significativo (FREIRE; SHOR, 1986).

Cultura inovadora

Uma escola que possua uma cultura inovadora apresenta vários aspectos, alguns destes podem ser encontrados nas discussões realizadas por Paulo Freire, como a valorização da diversidade, a existência de uma estrutura flexível e inserção da instituição na realidade local.

Ao vivenciar um espírito de cultura inovadora no ambiente escolar, este se torna um espaço que valoriza a diversidade, o diálogo, a partilha de experiências e conhecimentos, o reconhecimento da inteireza do ser, assim entende que as diferenças como riqueza e repudia a discriminação, sendo o espaço escolar um espaço de luta pela democracia e pela convivência

respeitosa e solidária entre os diferentes sujeitos.

Nessa perspectiva, identificamos em Paulo Freire uma aversão a discriminação, pois se posicionou horrorizado a situações brutais de racismo (FREIRE, 2019). Assim entendia que o/a aluno/a era originário de um contexto histórico-social que deveria ser posto em discussão por meio do diálogo e que as minorias deveriam unir-se a partir de uma unidade na diversidade. A união seria uma atitude da escola em contraposição aos que dominam, pois sabem que na divisão se perpetua a dominação de alguns sobre os outros.

Ademais, como a valorização da diversidade, em Paulo Freire, nos deparamos, especificamente, com a valorização da diversidade cultural, uma vez que propunha que o ensino ocorresse a partir de uma aproximação a cultura popular, o que segundo Freire e Nogueira (2014) por si só exige criatividade, principalmente por parte do/a professor/a, ao direcionar o seu olhar e planejar a sua prática.

Nessa perspectiva, Paulo Freire refere-se também a cultura dos oprimidos ao defender uma alfabetização interligada ao despertar da consciência crítica. Sugeriu que para superar a ingenuidade, deveria buscar no cotidiano do adulto a ser alfabetizado palavras e questões que poderiam ser debatidas e que o possibilitasse a se enxergar na discussão. Assim, as investigações ou entrevistas resultam em inúmeras situações problemas de variadas ordens que se fazem presentes no cotidiano dos/as alfabetizando/as. Dessa forma, por meio de questões de diferentes ordens (por exemplo: organização em classe, sistema econômico, social e governamental) os oprimidos se enxergavam como fazedores de história e produtores de cultura. Portanto, o que propunha era uma “alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores” (FREIRE, 2018, p. 137). Tudo isso, buscando com que aquele que era oprimido fosse liberto da invasão cultural, uma vez que os invasores acabam por frear a criatividade dos invadidos ao ameaçar ou fazerem com que percam a sua originalidade (*ibidem*), além de sofrerem com a imposição de modelos pré-estabelecidos. Logo, o/a professor/a deve se apoiar em uma prática educativa que respeite e valorize a cultura daquele que é invadido (FREIRE, 2006).

Uma instituição que exerce uma cultura inovadora possui uma estrutura e organização dinâmica, produzida coletivamente e flexível. Nesse sentido, Freire (2006) defendia que cada escola, em diálogo com os/as funcionários/as e a comunidade no geral, deveria ter autonomia para elaborar um currículo que atendesse as demandas e anseios do público que a frequentasse e que não fosse imposto de forma vertical por uma secretaria governamental de educação ou pela gestão da própria instituição. Defendia um currículo que fosse debatido, que seu princípio fosse marcado por pesquisa com a comunidade local e que se distanciava do mecânico, principalmente a alfabetização (*ibidem*).

Uma escola que busca vivenciar diariamente uma prática educativa criativa pautada em uma cultura inovadora está inserida na realidade local. Trata-se de um ensino que tem em seu princípio a discussão de questões sociais que reflexionam acerca da opressão afim de despertar a conscientização crítica e, a partir disso, estes conscientizados busquem a sua libertação. Dessa forma, parte-se da premissa de que o homem não está apenas no mundo (*ibidem*), mas está com o mundo em que relações são travadas. Ao estabelecer relações com a realidade permite ao indivíduo criar, recriar e decidir. Portanto, uma educação criativa está aberta ao mundo, ou seja, as questões sociais e as plurais relações do indivíduo com o mundo. Uma educação que integre o sujeito ao contexto e o tire da posição de acomodação (*ibidem*). Se aproxima da realidade local e social na medida em que propõe, por meio do ensino, que os/as estudantes se desenvolvam a ponto de conseguirem fazer uma leitura crítica do mundo (FREIRE, 2019). Nessa prática os/as alunos/as conseguem decifrar as situações-limite e encontrar o que Freire denominou por inédito viável.

Criatividade como valor reconhecido

Uma escola como espaço de criatividade valoriza a criatividade como valor reconhecido, ou seja, o coletivo estimula, favorece e oportuniza que as pessoas da comunidade escolar se expressem livremente, elaborem novas ideias, experimentem novas possibilidades para pen-

sar e realizar coisas inéditas.

Um espaço de criatividade promove tomadas de consciência. Para Freire (2001) a educação em prol da libertação dos oprimidos deve favorecer um olhar crítico do contexto vivido, assim a reflexão e a busca por uma transformação criadora (FREIRE, 2017), fruto da liberdade e do exercício da imaginação criadora (FREIRE, 2006).

Espírito inquieto-propositivo

Refutamos os limites e o conceito de empreender na perspectiva neoliberal e/ou neotecnista, quando utilizamos a palavra, seja nos referindo a uma pessoa, um coletivo ou uma instituição apenas estamos nos referindo ao espírito inquieto-propositivo com capacidade criativa-inventiva sendo gerador de iniciativas e ideias novas.

Uma instituição com espírito inquieto-propositivo-criativo exige também rigorosidade no estudo (FREIRE, 2015, FREIRE; SHOR, 1986), fugindo da padronização e aventurando-se na criação e recriação (FREIRE, 2006) dos processos de ensino, de aprendizagem e na formação integral do ser humano.

Para Suanno (2015) a inovação rumo à outra direção possível remete ao conceito de *inédito-viável* de Paulo Freire (2017), que aponta a disponibilidade humana *para mover-se em outra direção, construindo o inédito*, por ainda não ter acontecido, no entanto *viável, porque pode vir a acontecer, sendo uma possibilidade*. O conceito “epistemologicamente empregado [...] para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos da possibilidade humana” (ARAÚJO FREIRE, 2008, p. 231). Suanno (2015) destaca que da “relação entre *sonho e utopia* desponta a *esperança* da relação criativa, recursiva e reorganizadora entre *denúncia e anúncio*. “Denúncia de uma realidade desumanizante e *anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais*” (FREIRE, 2017, p. 84). Relação da qual pode emergir a possibilidade de se criar, protagonizar e construir a antecipação de outro mundo possível e metamorfoseado. Para Freire (2017), há uma relação intrínseca entre a inconclusão humana, o *inédito-viável* e as possibilidades históricas-contextuais na qual os sujeitos estejam inseridos, de tal modo que não há reino do definitivo/pronto/acabado/certo, mas há o *inédito-viável*, uma utopia alcançável que possibilita brotar sucessivos outros *inéditos-viáveis* (SUANNO, 2015, p. 223-224).

Currículo polivalente

Para Freire e Shor (1986) é preciso superar currículos em formatos padrões, programas autoritários e mecânicos, pensados por pessoas externas à instituição imbricadas em uma relação vertical, o que acaba resultando em uma violência diária, pois estas não conhecem as situações reais dos indivíduos que ensinarão e aprenderão seguindo o currículo estabelecido. Um currículo para uma escola que é centro de criatividade deve partir da ideia de que tanto docentes quanto discentes possuem capacidade de decisão quanto ao próprio processo de ensino e de aprendizagem e também conhecimento, autonomia, rigor e capacidade criativa para isso. Freire e Shor (1986) visualizam uma “pedagogia criativa, que procura reinventar o conhecimento situado nos temas, nas necessidades, na linguagem dos estudantes, como um ato de iluminação do poder na sociedade” (*ibidem*, p. 102).

Para os autores, um currículo libertador que, em seu âmago exige criatividade, é constituído de rigor, afinal chegar a um currículo de forma dialógica demanda muito exercício de pensamento, crítica e reflexão que em nenhum momento deixa de ser trabalhoso e rigoroso.

Um currículo criativo na perspectiva de Freire (2017) deve favorecer práticas que reflipam a denúncia e o anúncio. A denúncia de situações que oprimem e silenciam os/as estudantes, assim como a população da classe popular no geral, e um anúncio que conduza a libertação destes.

O currículo não deve ser reduzido a conteúdos, pois deve expressar toda a ideologia em que se baseia a prática educativa (FREIRE, 2006). O currículo de uma escola criativa não enxerga seus atores como neutros, dessa forma o conteúdo também não deve ser neutro, abstrato ou intocável. Estudantes e docentes precisam compreender a razão de ser do conteúdo,

pois não há educação sem conteúdo, no entanto, deve-se atentar a quem está elegendo esses conteúdos, a favor de quem estas escolhas estão sendo feitas, a escolha destes deve ser democrática e contar com a participação de toda a comunidade escolar.

Para Freire (2019), o ensinar não se sustenta em transferência de conteúdo de forma passiva, mas deve-se ter como princípio um saber de experiência feito em um movimento que supere o permanecer neste. O conteúdo deve ser ensinado de maneira crítica a partir de uma leitura do mundo. Enfim, temos que democratizar a escolha dos conteúdos no sentido de adquirir novos conhecimentos, sendo, assim, entrelaçado com a pesquisa. Não dá para esperar que autoridades governamentais nos ofereça essa possibilidade, seja em relação a eleição dos conteúdos ou a pensar o currículo como um todo.

Portanto, ao pensar em currículo que propicie criatividade a todos os personagens do ambiente escolar, deve-se construí-lo de forma que propicie a autonomia, a flexibilidade, a diversidade dos/nos conteúdos, a comunicação horizontal, a contextualização das atividades, a conexão com outros saberes, a escuta, a alegria, a participação, o comprometimento, a promoção da criação, a exaltação de valores, o compartilhar de interesses, a conexão com a vida, a fomentação de resolução de problemas e a atitude crítica.

Metodologias e estratégias

Pensar em metodologias e estratégias criativas e inovadoras para uma escola que seja um espaço de criatividade nos remete a pensar diferentes fatores que articulam concepção e agir pedagógico, conteúdo e forma, assim nos parece fundamental que todo debate sobre metodologia e estratégia se dê em articulação com o esforço de: a) rever a finalidade da educação e o papel social da escola; b) compreender a concepção e os princípios que orientam a educação; c) objetivos; d) projeto político-pedagógico da escola e projetos de trabalho; e) ensino, aprendizagem, problematização e formas de trabalho que promovam integração e ecologização de saberes; f) recursos e tecnologias; g) autonomia docente, trabalho coletivo e mediação didática; h) aprendizagem individual e coletiva; i) condições de trabalho.

Freire (2018) nos apresenta como método o uso da dialogicidade em sala de aula que tem o poder de envolver estudantes na discussão se caracterizando como um potencial de criatividade. Não se trata de um método que fica na palavra solta, vazia ou oca e nem de permissividade, mas de um método que exige rigor, sendo um rigor criativo e crítico, pois está a favor da libertação, que é favorecedora de um formato em que o/a professor/a tem mobilidade e pode ajustar a sua ação de acordo com as necessidades da sala de aula e do estudo. Freire e Shor (1986) nos oferece sugestões acerca dessas possibilidades:

O professor pode dar uma aula expositiva, pode encaminhar uma discussão, pode organizar pequenos grupos de estudo dentro da sala de aula, pode supervisionar pesquisas de campo fora da sala de aula, pode exibir filmes, pode complementar pontos de vista que faltam à classe, ou pode atuar como um bibliotecário, na ajuda a grupos de estudo a encontrar os materiais, ou pode destinar longas horas de aula às apresentações dos estudantes, etc. (*ibidem*, p. 116-117).

Assim, entendemos que a metodologia, os métodos ou estratégias em uma escola que seja centro de criatividade estão disponíveis a acontecer mediante a flexibilidade que é dependida não havendo espaço para imposição. Estamos pensando em uma educação que visa a libertação por meio do exercício da liberdade, da participação, do diálogo, da problematização dos temas em estudo.

Outra proposição metodológica e estratégica que aparece nas obras de Paulo Freire é a investigação de temas geradores ou temáticas significativas, se caracterizando como uma metodologia conscientizadora, que deve influenciar na organização do conteúdo programático, bem como no desenrolar das discussões nos momentos de aula. Desde a busca, ou seja, a investigação já exige um clima de criatividade que perpetua nas análises, escolhas e preparação das aulas ou dos círculos de cultura (FREIRE, 2017; 2018).

Avaliação formadora e transformadora

Paulo Freire em suas obras apresenta reflexões sobre o processo avaliativo em perspectiva formadora e transformadora e essa não se concentra somente no estudante. Trata-se de conjugar avaliação da aprendizagem e autoavaliação de práticas que perpassam todos os setores de uma instituição educativa, o que inclui em o/a professor/a avaliar constantemente a sua própria atuação docente, a relação entre teoria e prática e a sua programação. Para Freire (2006) o ato de avaliar se caracteriza como uma reflexão teórica, pois “praticar implica programar e avaliar a prática. E a prática de programar, que se alonga na de avaliar a prática, é uma prática teórica.” (*ibidem*, p. 109). Cabe enfatizar que segundo Freire (2015) essa forma de avaliação exige bom-senso por parte do/a professor/a, pois não se trata de uma reflexão qualquer, é uma prática rigorosa que implica em autoridade, ética e responsabilidade.

Com relação a avaliação da aprendizagem discente, Freire (*ibidem*) criticou a concepção, a forma e os critérios, uma vez que defendia processos e práticas democráticas e críticas fundamentalmente dialógicas, ou seja, nutridas pela escuta do outro. Nas palavras de Freire:

Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do quefazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o *falar a* como caminho do *falar com* (*ibidem*, p. 114).

Cabe destacar que o ato de avaliar do/a professor/a, segundo Freire (2015) não pode estar atrelado ao quanto se tem de bem-querer a determinado aluno/a. A avaliação compõe o processo educativo e como parte deve articular-se ao todo.

Valores humanos e socioambientais

Um centro de criatividade, para assim se caracterizar, deve-se tratar de uma instituição que, dentre outras prerrogativas, experienciam diariamente a vivência de princípios éticos e valores humanos socioambientais, que prezam por questões socioafetivos e que está em busca por ambientes inclusivos e democráticos.

Dentre diversos princípios e valores destacamos nas obras de Paulo Freire a autonomia. Cabe ao professor/a respeitar a autonomia do/a educando/a, bem como estimulá-la, no entanto, é necessário explicitar que Freire (2015) defende uma autonomia que conduza o/a aluno/a a pensar cada vez mais de forma crítica, reflexiva, ética e criativa, estando, assim, distante do ideário neoliberal que exalta a autonomia em um sentido de individualismo e competitividade. Falar em autonomia implica em não imposição da vontade, seja do/a professor/a ou do coletivo pedagógico de uma escola, aos educandos/as, o que resulta em respeito à identidade de cada um.

Isso não significa que o/a professor/a tenha que se omitir, pelo contrário, ele/a expressa a sua opinião, a sua posição, mas cabe ao aluno/a concordar ou discordar, buscar mudanças ou permanecer da forma que está. Afinal, a autonomia está relacionada com a responsabilidade e construção da liberdade em substituição a dependência.

Liberdade é outro princípio e valor presente nas obras de Paulo Freire. Ao pensar em uma escola como centro de criatividade, pensamos em práticas educativas que contam com uma participação livre e crítica de todos os atores sociais da escola. A liberdade para Freire (2006) não se trata de idealização, mas de uma necessidade humana que encontra na escola a possibilidade de distintas reflexões. Uma pessoa liberta tem grande capacidade de criação e

de crítica. Um indivíduo-sujeito que se tem a liberdade suprimida, conseqüentemente, sofrerá com supressão da criatividade. Aqui tratamos de uma escola, como espaço de criatividade, que é a favor da emancipação humana, que denuncia o que oprime a sociedade e que anuncia a liberdade.

Uma escola que se caracteriza como um espaço de criatividade exerce em suas práticas a democracia e incentiva seus estudantes a experienciá-la independentemente do local, circunstância ou momento que estejam vivenciando. Pensar em um ensino voltado à democracia, trata-se de um local em que se vivencia uma verdadeira aversão a discriminação, seja de raça, de classe, de gênero ou qualquer outro tipo. Nesse caso exige-se um/a professor/a que se posicione nessa luta de forma contra hegemônica, contrário/a ao capitalismo vigente e, como Freire (2015) ressaltou, oposto a aberração da miséria na fartura. Seria uma democracia que consiga fazer frente a intolerância e a negação da diferença (FREIRE, 2019).

Além disso, acrescenta-se que um estudo baseado em princípios democráticos é contrário ao autoritarismo. Uma escola criativa democrática ensina a lutar constantemente contra as injustiças e ensina a lidar com os conflitos. Ela deve ensinar por ser uma forma política e, principalmente, por ser primeiro uma forma de vida (FREIRE, 2018) que depende de consciência crítica.

Freire (2018) considera que a educação é um ato de amor, uma vez que o diálogo só se efetiva como comunicação em uma relação simpática, pois o desamor é acrítico e precisamos de uma educação crítica. Assim, precisa-se de amorosidade, esperança e humildade, ou seja, necessita-se de uma convivência amorosa. Isso influencia na constituição de um ambiente propício a produção do conhecimento, já que sendo aberto favorece a curiosidade.

Esperança (FREIRE, 2019) é considerada como uma necessidade ontológica, precisa-se atuar com ela de forma crítica, presume luta por um sonho de mudança. A esperança é o que move a superação de obstáculos, sem esperança há acomodação, assim a esperança é fundamental para despertar uma inquietação criadora.

Freire (2019) defendia a justiça social e afirmava que a educação deveria protestar contra as injustiças (FREIRE, 2015), contra o desamor, a violência, a impunidade, as discriminações e a exploração. Para isso, o/a professor/a e, conseqüentemente, a escola devem sair da omissão. Uma escola criativa luta por justiça social o que vincula a defesa por sociedades democráticas, por estado de direitos e pela proteção da dignidade humana.

Freire (2006) se manifestava avesso à discriminação e defensor da inclusão, da classe popular, bem como de seus saberes socialmente construídos, de sua cultura etc.

É impossível pensar em uma escola criativa e crítica sem uma formação rigorosa e ética. Freire (2015) trazia a ética como uma dimensão utópica da pedagogia da autonomia e, mais, como uma ética universal do ser humano e ética da solidariedade humana, sendo indispensável em uma convivência no ambiente escolar e nos demais ambientes que formam a sociedade. Ademais, cabe aos profissionais da escola agirem com ética, rigor e diálogo pautando em valores sociais, culturais, políticos e humanos, etc., privilegiando o ser humano em sua diversidade.

Escolas criativas têm nas obras de Paulo Freire fontes para fundamentar reflexões e ações com princípios e valores que impulsionem autonomia, liberdade, amorosidade, esperança, justiça social e ética, dentre outros.

Considerações Finais

Nas obras de Paulo Freire analisadas para a construção deste artigo identificamos a relação entre capacidade crítica e inteligência criadora e criativa. Como a capacidade crítica é uma constituinte do processo de aquisição de conhecimento, assim, o processo de conhecer se dá de forma criativa e pode ser potencializado com oportunidades dialógicas.

Para o referido autor, as escolas devem ser criativas, e isso ficou explícito quando apresentou instituições educativas como *espaço de criatividade*, e também, quando as denominou por *centros de criatividade*, local onde a liberdade deveria gerar a criatividade, e também, por ser local propício para que docentes e discentes possam aventurar-se na imaginação, na cria-

ção e na recriação.

Especificamente quando o coletivo é guiado por pessoas críticas, estimulantes e criativas Paulo Freire valoriza uma liderança pautada em uma gestão democrática que reconhece o diálogo e a participação do coletivo marcada pela descentralização do poder e pela tomada de decisões em âmbito coletivo e democrático. Com relação ao professor, o que o torna criativo vincula-se a uma formação universitária sólida, oportunidades de construção de práxis inventivas, imersão em coletivos profissionais criativos e abertos a formação permanente e desenvolvimento profissional, em que o exercício da docência está marcado pela pesquisa e que tem como sonho político a libertação, autonomia e emancipação.

Escolas que vivenciam uma cultura inovadora, na perspectiva freiriana, respeita a cultura dos oprimidos, tendo aversão pela discriminação, de tal modo valoriza o diverso, a existência de autonomia com uma estrutura e organização escolar flexível e socialmente referendada.

Uma escola que reconhece a criatividade como um valor enaltece o processo que facilita a criatividade, ou seja, a formação humana para o espírito inquieto, propositivo, repleto de iniciativa e dispostos a correrem riscos, pois trata-se de um espaço escolar marcado por sonhos, esperanças e inéditos viáveis. E se essa escola buscar orientar-se por uma visão transdisciplinar e transformadora estará aberta a mudanças, pois a transdisciplinaridade busca transcender a disciplinaridade, valoriza a complementaridade e coexistência entre ensino disciplinar e educação transdisciplinar caracterizada por ser uma pulsão religadora (SUANNO, 2015) entre conhecimentos científicos, saberes ancestrais, culturas, experiências e práticas. Uma vez que, visa ampliar a compreensão sobre ser humano, natureza, sociedade, culturas e questões contemporâneas. Tal perspectiva assume o desafio de pensar complexo e ecologizar saberes considerando aspectos multirreferenciais e multidimensionais do objeto/fenômeno em estudo. Articula, de tal modo, razão, emoção, corporeidade e atitude transformadora, ao trabalhar com uma razão sensível no intuito de produzir práxis complexa e transdisciplinar.

O estudo de Freire permitiu refletir sobre o valor da autonomia, da liberdade e da construção coletiva do currículo escolar. No tocante a metodologia e estratégias inovadoras identificamos que, a partir do pensamento freiriano, estas devem estar nutridas na dialogicidade e na investigação de temáticas geradoras da reflexão e dos processos de ensino e de aprendizagem. Freire nos convida a pensar a avaliação em viés democráticos, com processos de escuta, de reflexão, diálogo e autoavaliação dos estudantes, docentes e da escola. Assim, pensar uma escola criativa, em Paulo Freire, nos convida a pensar a educação popular, com autonomia, justiça social, inclusão e ética impulsionando assim processos de conscientização crítica, diálogo e democratização.

Referências

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. Inédito viável. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 231-234.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Massangana, 2010.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 44 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. 493 p. Tese de Doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, pela Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília-DF, 2015.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; TORRE, Saturnino de la; SUANNO, João Henrique. Rede Internacional de Escolas Criativas. In: PINHO, Maria José; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique. **Formação de professores e interdisciplinaridade**: diálogo investigativo em construção. Goiânia: América, 2014. p. 15-33.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PAULO FREIRE, PRESENTE! Live apresentada por Walter Kohan. [S. l.: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.], 2020. 1 vídeo (1h 38min 25seg). Publicado pelo canal ANPED NACIONAL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3BGEruXyOM>. Acesso em: 8 dez. 2020.

TORRE, Saturnino de la. **Instituciones educativas creativas**: instrumento para valorar el desarrollo creativo de las instituciones educativas (Vadecrie). Sitges: Editorial Círculo Rojo - Investigación, 2012.

Recebido em: 05 de abril de 2021.

Aceito em: 15 de abril de 2021.